

UM CORPO QUE ESCUTA: A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA PARA A CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGOS POTENTES.

Leclerc Victer¹
Valéria Caixeta Figueiredo²

Resumo: Este artigo se propõe a apontar a prática da escuta como uma das condições de possibilidade para a construção de diálogos potentes entre a igreja cristã e as demais esferas da sociedade. Sob esse aspecto, gostaríamos de pensar a escuta como prática capaz de construir pontes. Para tanto, iniciamos com uma breve consideração das diferenças entre os processos de escutar e ouvir, passando a seguir a algumas considerações a respeito dos conceitos “autoconhecimento” e “escuta ativa” e a abordar termos como “conversa” e “diálogo”, além de nos utilizarmos de um texto bíblico para elencar algumas atitudes positivas em relação ao tema. Utilizaremos o conceito “corpo da escuta”, haja vista, a percepção por nós aqui afirmada, de que o processo de escuta envolve todo o corpo. Na medida em que entendemos que a igreja seja o “Corpo de Cristo”, nossa abordagem levará em conta também esse “corpo”.

Palavras chave: escuta, diálogo, autoconhecimento, corpo.

Abstract: This paper aims to point out the practice of listening as one of the necessary conditions of possibility for the construction of powerful dialogues between the Christian church and the other spheres of society. In this regard, we would like to think of listening as a practice capable of building bridges. Therefore, we begin with a brief consideration of the differences between the listening and hearing processes, going on to follow some considerations regarding the concepts “self-knowledge” and “active listening”, and the approach of terms such as “conversation” and “dialogue”, in addition to using a biblical text to list some positive attitudes towards the topic. We will use the concept of “listening body”, given the perception we have affirmed here, that the listening process involves the whole body. As we understand the church is the “Body of Christ”, our approach will also take this “body” into account.

Keywords: listening, dialogue, self-knowledge, body.

Introdução

“... tentar refletir e agir de maneira cristã diante dos grandes desafios que a sociedade e as questões políticas de nosso tempo nos apresentam. Trata-se de uma discussão extremamente necessária em tempos de confusão ideológica e respostas apressadas e pragmáticas a temas profundos e complexos.”³.

A partir da observação dos diversos discursos que atravessam o cenário social, e das muitas rupturas produzidas por dificuldade na construção de diálogos que apontem para a

¹ Leclerc Victer é teólogo, com especialização em Ministério pastoral pela Faculdade Batista do Paraná. Mestre em Sistemas de Gestão, com ênfase em Relacionamento e Organizações. Professor nos Seminários Betel Brasileiro e Congregacional em Niterói-RJ. Idealizador do Projeto Oficina da Palavra.

² Valéria Caixeta Figueiredo é psicóloga clínica, com Especialização em Clínica Transdisciplinar e Instituições Públicas, Mestre em Produção de Subjetividade e Políticas Públicas, pela Universidade Federal Fluminense.

³ SOUZA, 2018, p.16

construção de pontos de contato entre os interlocutores- sejam estas pessoas ou instituições- gostaríamos de apontar a prática da escuta como uma das condições de possibilidade necessárias para a construção de diálogos potentes entre a igreja cristã e as demais esferas da sociedade⁴. Sob esse aspecto, gostaríamos de pensar a escuta como prática capaz de construir pontes.

Para tanto, no intuito de trazer clareza ao que pretendemos apresentar como sendo, de fato, a prática da escuta, faremos uma breve consideração das diferenças entre os processos de escutar e ouvir.

Partindo ainda do pressuposto de que toda prática de escuta, a qual se pretenda ser uma escuta ativa, aponte para a necessidade de uma boa escuta em relação àquele que escuta, faremos também algumas considerações a respeito do conceito “autoconhecimento”.

Alguns termos como conversa e diálogo também serão abordados, e, a partir de um texto bíblico elencaremos algumas atitudes que se mostram positivas para uma escuta potente.

Na construção do pensamento, nos utilizaremos do conceito “corpo da escuta”, haja vista, a percepção por nós aqui afirmada de que o processo de escuta envolve todo o corpo.

Na medida em que entendemos que a igreja seja o “Corpo de Cristo”, nossa abordagem levará em conta também esse “corpo”.

De tal modo, após essa breve introdução, esperamos que no encontro com esse artigo, cada leitor encontre espaço em si mesmo para escutá-lo.

Ouvir e escutar: breve diferenciação entre os verbos

Diferentes verbos, diferentes sentidos.

⁴Aqui seguimos o pensamento de Abraham Kuyper (1837-1920), pastor teólogo, jornalista, educador, estadista, e um dos mais proeminentes estadistas neerlandeses, exercendo a função de primeiro ministro, de 1901 a 1905, fundador do Partido Antirrevolucionário cristão (coalisão entre dois partidos políticos protestantes e um católico romano) e da Universidade Livre de Amsterdã, em 1880.

A abordagem de Kuyper compreende a organização social por intermédio de esferas de soberania, segundo as quais se daria a organização da vida e da sociedade, onde cada aspecto da sociedade é soberano em sua própria esfera, sendo a soberania absoluta advinda do Deus Trino, o qual exerce poder absoluto sobre todas, delegando autoridade àqueles que exercem os diferentes ofícios nas diferentes esferas.

Segundo KOYSIS (2014), “Kuyper aplicava sua doutrina não somente às autoridades políticas e à questão da igreja e do Estado, mas a todas as instituições sociais. A família, a escola, a empresa, o trabalho, as artes e demais aspectos da sociedade são todos soberanos em suas respectivas esferas. Cada uma dessas múltiplas comunidades e projetos detêm autoridade dentro de uma esfera específica cujos limites são estabelecidos pelo Criador. Tais limites não podem ser transgredidos sem que disso resultem graves prejuízos à estrutura social ordenada por Deus.(...) Está claro que esse princípio é importante sobretudo para determinar o lugar da igreja institucional na sociedade como um todo,...” (KOYSIS, 2014, p. 278, 279).

De acordo com DOOYEWEERD (2015) a importância da soberania das esferas para a sociedade é que ela garante a cada uma das esferas sócias sua natureza intrínseca e normatividade. “E com essa garantia fornece a base para uma esfera original de autoridade e competência derivada, não da autoridade de qualquer outra esfera, mas diretamente da autoridade soberana de Deus.” (DOOYEWEERD, 2015, p.64).

Ouvir é verbo que remete ao orgânico. É da ordem dos significados, e, podemos dizer que é o primeiro estágio para que se inicie o processo de escuta.

Estamos constantemente expostos a estímulos que vem do mundo externo, os quais são captados por intermédio do sistema sensorial. Este, por sua vez, possui alguns órgãos receptores, chamados “órgãos dos sentidos”. Cada órgão do sentido⁵ é adaptado para responder a determinados estímulos, e possui receptores sensoriais específicos, que transformam os estímulos recebidos em impulsos nervosos. De tal modo, compreendemos que são eles, as “partes do corpo” responsáveis por captar e levar informações sensoriais, recebidas do meio externo, ao sistema nervoso central, onde se dará a análise e processamento dessas informações, a fim de que haja a produção de respostas em concordância com as mesmas, sendo esta, portanto, a maneira como se processam as percepções sensoriais do mundo.

As informações do ambiente externo são captadas por intermédio de sensações visuais, olfativas, táteis, gustativas e auditivas, e os chamados “sentidos” correspondentes à captação de cada uma dessas informações são, a visão, o olfato, o paladar, o tato e audição⁶, que é o sentido envolvido diretamente no processo de “ouvir”.

“Ouvir”, portanto, remete ao sentido da audição, sendo este o responsável por captar estímulos do mundo externo por intermédio do ouvido, órgão que possui receptores os quais o tornam capaz de perceber as ondas sonoras que se propagam no ar. A “sensação” que experimentamos a partir desse processo é o que chamamos “som”. Ou seja, quando um corpo vibra, o ar que está ao seu redor também vibra, e o ouvido captando essas vibrações, as leva para o sistema nervoso, chegando até o cérebro que as traduz. De tal modo compreendemos que ouvir é um processo fisiológico⁷.

E escutar?

Escutar é verbo que se liga a outros como, perceber/ compreender/disponibilizar.

⁵ Tomamos o termo “sentido” aqui em uma concepção fisiológica somente, pois na medida em que os órgãos responsáveis por captar e traduzir os estímulos que vem do ambiente externo, realizam, de modo eficaz, o seu trabalho, diferentes tipos de “sensações” são produzidas em nosso corpo. São respostas fisiológicas corporais (sensoriais), que produzem percepções diversas. Essa estimulação do organismo produz um fenômeno psicológico, o qual é chamado de “sentido”.

⁶Essa classificação foi feita por Aristóteles, no período grego antigo. Atualmente, estudos em neurociência apontam para a existência de outras modalidades sensoriais, além destas cinco. Para uma aproximação inicial a esse respeito ver <https://hypescience.com/10-sentidos-humanos-pouco-conhecidos-mas-importantes/>; <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/15963-quantos-sentidos-tem-o-corpo-humano-.htm>; <https://super.abril.com.br/ciencia/sentidos-sinto-muito>. Acesso em dezembro de 2019.

⁷ Embora nesta breve explanação estejamos nos atendo somente à função “ouvir” do ouvido, gostaríamos de esclarecer que, juntamente com a orelha, ele é também responsável por ajudar a manter o senso de direção e a orientação postural do corpo. A esse respeito ver <https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Corpo/sentido4.php>.

Para informações complementares a respeito da fisiologia e mecanismo da audição ver: https://forl.org.br/Content/pdf/seminarios/seminario_28.pdf e <https://afh.bio.br/sistemas/sensorial/4.php> – Acesso em dezembro de 2019.

Escutar relaciona-se ao que está sendo captado pelo ouvido e traduzido pelo cérebro, mas não se encerra somente nisso. Para além desse processo fisiológico, a ação de escutar envolve o processamento interno das informações, de modo que, “ouvir” é o início de um processo que possibilita a atribuição de significado ao que está sendo dito. A ação de “escutar”, portanto, envolve o ouvido, o cérebro e disposições e intenções internas⁸.

Desse modo a escuta vai tomando todo o corpo, na medida em que, processualmente, vai envolvendo todos os sentidos, desenvolvendo conexões internas e produzindo sentido. Podemos perceber, portanto, que, ainda que nesse processo seja possível identificar cada órgão receptor de estímulos externos (de acordo com sua atribuição funcional), desenvolve-se uma escuta com o corpo, e também um “corpo da escuta”.

A disponibilidade para que essa escuta “tome corpo” depende da disponibilidade de quem escuta. De tal modo, àquele que pretende desenvolver essa prática de modo eficaz, é necessário o desenvolvimento da prática, em primeiro lugar, de escutar a si próprio, haja vista que, por conta de motivos diversos, essa disponibilidade pode não se fazer presente.

Conforme afirmam DUNKER & THEBAS (2019, p. 25): “... a arte da escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo.”, e envolve a investigação de suas próprias práticas, dos seus modos próprios de ser e estar no mundo.

Escutar a si mesmo envolve, portanto, autoconhecimento.

Autoconhecimento: a escuta do outro começa na escuta de si.

A respeito do autoconhecimento, lançaremos mão de uma abordagem pautada na antropologia bíblica, e para tal, nos apoiaremos no pensamento do filósofo holandês Herman Dooyeweerd (1894-1977)⁹.

“Apenas quando as pessoas não tiverem mais nada que esconder de si próprias e dos seus semelhantes na discussão é que o caminho para um diálogo que procure mais convidar do que repelir se abrirá.”¹⁰

⁸ Na escuta não há lugar para expressões do tipo, “entrou por um ouvido e saiu pelo outro”⁸, haja vista que as palavras transitam por um vasto circuito, que, se inicia com a captação dos sons por intermédio do ouvido, mas que, ao longo do processo, vai demandando, dentre outras coisas, de atenção e acolhimento interno em relação ao que está sendo dito. É quando as palavras encontram lugar naquele que escuta.

⁹ “Fig. Pop. Ser ouvido (dito, explicação, conselho, advertência etc.), mas não ser assimilado, compreendido, memorizado por quem não está prestando atenção.”, conforme <http://www.aulete.com.br/ouvido>. Acesso em 13 de julho de 2020.

¹⁰ Herman Dooyeweerd foi um jurista e filósofo holandês, nascido em 07 de outubro de 1894, em Amsterdã, local onde também faleceu em 12 de fevereiro de 1977. Foi professor de direito por mais de quarenta anos na Universidade Livre de Amsterdã e foi também diretor assistente do departamento de pesquisas do Partido Antirrevolucionário. Representante da tradição Neocalvinista holandesa, sua filosofia da ideia Cosmonômica trouxe grande contribuição a esta tradição. Para um conhecimento inicial a respeito da biografia de Dooyeweerd, ver: <http://monergismo.com/fabiano-almeida/herman-dooyeweerd-uma-apresentacao-panoramica>.

Segundo Dooyeweerd, apesar da busca pelo conhecimento da natureza interna do ser humano existir desde os dias de Sócrates, o verdadeiro autoconhecimento depende do conhecimento de Deus¹¹, uma vez que *“o tema central das Escrituras Sagradas, ou seja, criação, queda no pecado e redenção por Jesus Cristo na comunhão do Espírito Santo, tem uma unidade radical de significado, que está relacionada à unidade central de nossa existência humana.”*¹².

No pensamento de Dooyeweerd, o coração é compreendido a partir de seu sentido bíblico, como sendo o centro indivisível da existência e experiência humana, onde se encontra a imagem de Deus, estando em uma relação religiosa central com Ele, portanto, toda intenção de autoconhecimento por parte do ser humano deve levar em conta essa relação com sua origem transcendente¹³.

Esse impulso religioso inato do coração encontra expressão positiva quando se relaciona com Deus (a Origem), entretanto, por conta da queda, *“resumida como uma ilusão surgida no coração humano, segundo o qual o eu humano tem a mesma existência absoluta que o próprio Deus,”*¹⁴ ele acaba tomando outra direção, encontrando uma expressão apóstata, sendo que *“Essa apostasia em relação ao Deus vivo implicou a morte espiritual do homem, pois o eu humano não é nada em si mesmo e só pode viver da Palavra de Deus e na comunhão amorosa com seu divino Criador.”*¹⁵.

Assim, entendemos que esta é a condição do homem, caso não passe pelo processo de renascimento do coração, por intermédio do Espírito Santo, pois que, por conta da queda, acabou por perder o verdadeiro conhecimento de Deus e o verdadeiro autoconhecimento. *“Consequentemente, não pode haver um autoconhecimento real à parte de Jesus Cristo. E este autoconhecimento bíblico implica que toda a nossa visão de mundo e da vida precisa ser reformada em um sentido cristocêntrico.”*¹⁶

¹⁰ DOOYEWEERD, 2015, p.19

¹¹ “O verdadeiro conhecimento de nós mesmos é dependente do verdadeiro conhecimento de Deus” (Calvino in: *Institutas da Religião Cristã*, I.i.1)

¹² DOOYEWEERD, 2018, p.171

¹³ Segundo Dooyeweerd, o pensamento teórico é limitado pelo horizonte temporal da experiência humana, a qual apresenta diferentes aspectos modais, que se relacionam a como experimentamos a realidade, e não a uma realidade concreta. Segundo ele, podemos elencar quinze modos fundamentais de experimentação que são, na verdade a refração, na ordem do tempo, de uma unidade supratemporal. Assim, o ego(coração) se relaciona com a origem, pois tem aí seu significado. Caso a reflexão filosófica não se direcione para essa relação religiosa central, o que ocorre é que ela concluirá que o ego não é nada (porque ele não é nada em si mesmo, mas somente em uma relação com a Origem). Para que isso não aconteça, e possa haver a afirmação de um ego, a reflexão teórica levará à absolutização de um desses aspectos da realidade, substituindo a Origem e transformando-o em um ídolo.

¹⁴ DOOYEWEERD, 2018, p.240

¹⁵ DOOYEWEERD, 2018, p.240

¹⁶ DOOYEWEERD, 2018, p.241

A partir desse pressuposto é que Dooyeweerd afirma que somente quando “*as pessoas não tiverem mais nada que esconder de si próprias*” é que um diálogo poderá ser estabelecido de fato, pois uma vez que o impulso religioso nato do ego em direção à Origem toma outra direção, há uma corrupção dos compromissos do coração. Ora, se o coração é o centro da existência humana, quando está comprometido com algum motivo base religioso que não seja Deus, toda a compreensão da realidade estará comprometida.

De tal modo, entendemos que a correta compreensão a respeito da possibilidade do autoconhecimento a partir de uma antropologia bíblica seja relevante tanto à escuta de si quanto do outro, na medida em que traz compreensão em relação ao reconhecimento dos compromissos últimos do coração. A importância desse reconhecimento para viabilizar um diálogo autêntico, e não superficial entre os interlocutores, se dá pelo esclarecimento dos pontos de partida de cada um, de acordo com esses compromissos.

*“A comunicação verdadeiramente proveitosa só é possível quando ambos os pontos de vista se desenvolvem conjuntamente... Então a discussão exibirá o caráter de um diálogo no qual as pessoas de fato cooperam para alcançar um esclarecimento mútuo dos princípios debatidos.”*¹⁷.

A Escuta Ativa

Na medida em que abre espaço para o outro, a escuta encontra esse outro e o acolhe. É nesse encontro que se viabiliza o diálogo.

Não existe uma maneira “certa” de escutar, entretanto algumas “pistas” são bem vindas. Por intermédio destas “pistas”, paulatinamente, cada um descobre seus próprios caminhos de escuta, na medida em que singularidades situacionais, habilidades, limitações, etc., além os compromissos do coração e da visão de mundo, podem contribuir para que esse processo de desenvolvimento da habilidade de escuta produza uma escuta autêntica, atenciosa, mútua e hospitaleira, ou seja, uma escuta ativa.

A escuta passiva propõe uma atitude passiva diante do discurso daquele que fala, sem interações ou intervenções. É quando não há abertura para o novo ou mesmo acolhimento.

A escuta ativa, por outro lado, propõe uma atitude acolhedora que permite os atravessamentos propostos pelas experiências de ser do outro, o que promove transformações tanto em quem fala, quanto em quem escuta, sendo a base para os bons relacionamentos.

¹⁷ DOOYEWEERD, 2018, p.17

Bem, sabemos que *“O bicho pega mesmo é no relacionamento. E relacionamentos são feitos de palavras e encontros.”*¹⁸.

Entendemos desse modo, que a escuta ativa é a escuta com o ser. É a escuta que envolve todo o corpo, toda a atenção, toda a possibilidade de troca real entre o que fala e o que escuta¹⁹.

Por mais que se observe a não existência de uma regra sobre “como” desenvolver essa atitude ativa na escuta, alguns pontos podem ser observados a fim de que não sejamos “descuidados” conosco mesmo e, por conta disso, deixemos de ser “hospitaleiros” para com o outro.

Ainda sobre a forma de escuta,

“Descobrir qual o seu biótipo escutador preferencial e em qual deles você não vai tão bem assim, pode ser um começo de conversa. (...) Talvez assim você possa descobrir a sua própria forma de escutar, a partir do seu próprio estilo, com seus dotes e limitações. Essa é uma lição mais importante do que parece porque, em geral, as pessoas já aprenderam certas coisas sobre como devem escutar e frequentemente isso funciona como uma espécie de camisa de força...”²⁰

A maneira como nos posicionamos em relação a nós mesmos, ao outro e ao mundo (que mediatiza o diálogo), diz muito sobre a maneira como nos colocamos a escutar (ou não) o outro²¹.

Diálogos e conversas potentes: interações a partir da escuta.

Uma “conversa”²² pode ser algo proveitoso, na medida em que “conversar” pressupõe uma interação dialógica na qual os envolvidos estão em um processo de troca, não só de palavras, mas também de afetos.

¹⁸ DUNKER & THEBAS, 2019, p.13

¹⁹ É preciso que se pense que em algumas vezes, uma pessoa parece querer “pensar pela outra” ou mesmo sobrepor uma história, ou um pensamento sobre o outro, desqualificando os demais. A escuta ativa se contrapõe a esse posicionamento, sendo este um dos fatores que a tornam condição de possibilidade ao diálogo.

²⁰ DUNKER & THEBAS, 2019, p.27

²¹ Aqui poderíamos elencar algumas características, como: competitividade, insegurança, intolerância, ou mesmo se somos propensos a nos distrair facilmente, à inveja, à ira, ou ainda se temos posições cristalizadas que engessam nosso pensamento, nos levando a posicionamentos preconceituosos, se não temos muita paciência, se somos intolerantes com as diferenças, se somos mais emotivos ou racionais, por exemplo.

²² Colocamos aqui o conceito de conversa como algo que se dá no encontro, onde é possível que haja uma composição de tal maneira eficaz, que seja produzido algo novo. Uma conversa, portanto, para além de ser somente algo que se relacione a falar e ouvir, pode se dar como o efeito de um bom encontro, onde os envolvidos passarão por uma dupla captura, sendo mutuamente afetados. Em relação à prática da escuta é preciso “estar presente no aqui e agora” da conversa, para que as pessoas envolvidas sejam mutuamente afetadas pelo que está sendo dito, e até mesmo pelo não dito. Sob esse aspecto, portanto, uma conversa de fato, se dá no encontro entre aqueles que praticam a escuta, e não somente ouvem o que está sendo falado.

Diante da exposição anterior a respeito dos compromissos do coração e de como a partir desse comprometimento, em algumas situações seja possível que os envolvidos nessa interação dialógica tenham “pontos de partida” diferentes, o que se pretende em uma conversa é que, essa diferença não se configure como impedimento ao diálogo, mas como possibilidade de composição de um plano em meio às diferenças.

Nossa proposta é que a escuta se apresenta como condição de possibilidade para que essa interação dialógica se estabeleça de fato, em detrimento de intermináveis monólogos inconclusos, onde se percebe a afirmação de uma opinião como mais importante do que a construção da conversa acolhedora, onde “aqueles que participam contribuem de fato para o objetivo mútuo de obter um esclarecimento íntegro do que é entendido.”²³.

Em tempos em que atitudes como inquietação, (pre)ocupação, intransigência apressamento, “oferecimento” de resultados positivos a partir de fórmulas prontas, individualismos, isolamentos, partidarismos, polarizações, dentre outras, são frequentemente percebidas, em um movimento de esmaecimento e até mesmo de rompimentos das relações sociais, encontrar um “lugar” propício ao desenvolvimento de uma conversa acolhedora tal, que seja capaz de produzir algo novo em meio a diversas opiniões, pode se apresentar como um procedimento de busca exaustiva, onde esse “lugar” por vezes não é encontrado, nem mesmo no outro.

Em relação a essa dificuldade, pensamos que por intermédio do desenvolvimento de práticas de escuta, a igreja possa se apresentar como esse “lugar” de estabelecimento de interações dialógicas, propiciando conexões em detrimento das muitas rupturas e desconexões sociais.

Como apoio para tais questões, pensamos que uma passagem bíblica, contida em um texto da carta de Tiago, possa funcionar como apoio na reflexão acerca de algumas posturas básicas para a eficácia da prática da escuta, quais sejam essas atitudes a atenção, a quietude e a humildade.

Mas afinal, do que Tiago está falando?

“Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus.” (Tg 1.19 - NVI)

Para mais informações a respeito dos conceitos de conversa e encontro, sugerimos DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*, São Paulo: Escuta, 1998 e SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

²³ DOOYEWEERD, 2015, p.17

No texto em questão, no qual Tiago²⁴ incentiva seus leitores a que sejam “*prontos para ouvir, [e] tardios para falar*”, nos perguntamos a respeito de qual atitude estaria o autor se referindo, quando utiliza a expressão “ouvir”?

Ao observarmos o original grego de ouvir– *akouo* - utilizado por Tiago, observamos dentre as possíveis traduções, algumas que se referem a “prestar atenção, considerar o que está ou tem sido dito, entender, perceber o sentido do que é dito”²⁵.

Percebemos, portanto, que - segundo a diferenciação a qual temos aqui apresentado a respeito de ouvir e escutar- o incentivo de Tiago seja para que cada um procure, não somente ouvir, mas também que “preste atenção” no outro, que “considere o que ele diz”, que procure “perceber o sentido do que está sendo dito”, ou seja, que o escute.

A partir dessas orientações em relação à escuta, percebe-se uma atitude metodológica que aponta para a atenção, a quietude e a humildade.

Atenção

“O circuito de falas que se repete e organiza nosso cotidiano como um fluxo funcional torna-se tão rápido e eficaz quanto ‘menos’ nos escutamos. (...) Escutar dá trabalho, toma tempo e envolve riscos. A verdadeira escuta é um ato político...”²⁶.

A subjetividade contemporânea, produzida em uma sociedade que privilegia o desempenho, se apresenta, dentre outras produções como atarefada, cansada e desatenta²⁷.

Segundo o filósofo coreano Byung-Chul Han²⁸ (1959-), por conta da necessidade do desenvolvimento de uma técnica para dar conta de um grande número de tarefas em um determinado período de tempo (multitasking- multitarefa), tem se percebido no ser humano, certo retrocesso²⁹ em relação à capacidade de estar atento, o que resulta em dispersão da atenção.

²⁴ Tiago é o autor de uma epístola que se encontra no Novo Testamento, a qual leva seu próprio nome. Estudos apontam que ele pode ter sido irmão de Jesus, e um dos líderes da igreja de Jerusalém. A epístola, datada por volta de 45-50 d. C., é, supostamente, o primeiro texto do Novo Testamento a ter sido escrito, e foi direcionada a judeus que haviam se convertido ao cristianismo, e que estavam em estado de dispersão em diversos territórios. Segundo KEENER (2017), “*Tiago contrasta a sabedoria bíblica e tradicional com o espírito revolucionário que varria a sua terra na época.*” (KEENER, 2017 p.795), por conta disso, portanto, observamos essa admoestação em sua carta. Entretanto, por mais que o texto tenha seu sentido original, acreditamos que sua aplicação à prática de uma escuta saudável- à maneira à qual expomos neste artigo- seja totalmente plausível.

²⁵ Segundo traduções do verbete “*akouo*”, do dicionário Strong da Bíblia eletrônica The Word.

²⁶ DUNKER & THEBAS, 2019, p. 95-96

²⁷ Uma “desatenção” em relação à vida, a si mesmo e ao outro, podendo ser este “outro” um colega de trabalho, um amigo, uma pessoa de nossa família ou comunidade de fé.

²⁸ Byung-Chul Han nasceu em 1959 em Seul, na Coreia do Sul, e nos anos de 1980 mudou-se para a Alemanha, onde estudou filosofia, teologia e Literatura alemã. É professor de filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim.

²⁹ Haja vista ser esta uma habilidade necessária aos animais que vivem em ambiente selvagem, os quais, por conta de condições de sobrevivência, precisam manter a atenção em constante estado de dispersão. Essa

Ele compara esse estado de atenção dispersa à habilidade necessária aos animais que vivem na natureza selvagem, sendo que esse estado de dispersão da atenção também é percebido quando se muda rápida e constantemente o foco de atenção em situações do tipo, assistir um filme ao mesmo tempo em que se fala ao celular, responde e-mails, finaliza uma tarefa pendente no notebook, ou mesmo participa de uma reunião online, ou ainda quando se está dirigindo e checando as mensagens das redes sociais.

Por conta desse excesso de estímulos e da necessidade de ter sempre que apresentar bons resultados, as interações sociais são comprometidas, na medida em que a subjetividade contemporânea descansa cada vez menos, sendo que “com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os ‘dons do escutar espreitando’ e desapareceria também a ‘comunidade dos espreitadores’³⁰”³¹

Desse modo, portanto, diante do cansaço e da consequente desatenção ao outro, o que se observa é a reprodução de expressões reproduzidas de maneira genérica, em um discurso padronizado, alimentado pelo que é chamado de “respostas prontas”, quando, na maioria das vezes responde-se o que nem mesmo se escutou³².

As respostas prontas, portanto, se dão em um contexto de ausência de escuta do outro, justamente pelo apressamento, que produz certo apagamento e desconexão nas relações, produzindo um empobrecimento do diálogo, já que o “mundo das respostas prontas” é um mundo de conversas funcionais e utilitárias, onde tudo o que não faz parte do discurso do desempenho é percebido como desperdício de tempo, ou mesmo como inútil³³.

A escuta atenta, entretanto, não é uma prática que se utilize de respostas prontas (que não produzem diferença, mas esvaziamento e repetição do mesmo), mas viabiliza a que sejam construídos diálogos potentes para produzir desacomodações, questionamentos e

habilidade lhes é necessária por conta dos diferentes focos de atenção aos quais precisam contemplar ao mesmo tempo, como por exemplo, estarem atentos a possíveis ataques de predadores enquanto comem, ao mesmo tempo em que vigiam sua prole, e em alguns casos também, seus parceiros.

³⁰ A espreita é um exercício atencional de concentração, no qual é possível que se acessem intensidades necessárias ao encontro.

³¹ HAN, 2017, p.34

³² Além desse apressamento atarefado, em um mundo que exige cada vez mais competências e resultados (Mundo VUCA)*, estamos também expostos a uma grande quantidade de informação, via internet. Ao mesmo tempo em que nos mantém conectados, essa exposição também vai, paulatinamente, reduzindo nossa capacidade de dar atenção aos outros e a nós mesmos, por isso, na maioria das vezes, nossas conversas não passam de um amontoado de respostas prontas para aquilo o que, em muitos casos, nem se escutou.

* Vivemos em mundo volátil, incerto, complexo, acelerado, ambíguo: mundo VUCA - Termo que se origina do acrônimo das palavras inglesas Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity (respectivamente: volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, aportuguesando-se para VICA). É o mundo que vai mudando apressadamente, com destino incerto e de modo complexo. Para um melhor entendimento a respeito desse conceito, ver <https://administradores.com.br/artigos/o-que-e-o-mundo-vuca> e <https://universidadedamudanca.com/o-que-e-o-mundo-vuca/>

³³ Percebemos aqui certa economia da atenção, que aponta para uma valorização comercial, na medida em que se percebe uma constante busca midiática por sua captura. Essa captura da atenção, além de produzir rupturas sociais, pode produzir também subjetividades serializadas, padronizadas e até mesmo angustiadas.

problematizações, de modo a que práticas possam ser ressignificadas e transformadas. É um processo que demanda tempo (com pausas e silêncios) e trabalho de pensamento (reflexão, investigação e exposição de pontos de partida), além da disponibilidade de se conectar e acolher o outro.

Uma escuta atenta, portanto, não é funcional ou utilitária, mas pressupõe atenção ao outro, em uma atitude de interesse e preocupação.

A respeito de uma atitude atencional em relação ao outro de modo preocupado e não funcional/utilitário, gostaríamos de nos apoiar no pensamento do filósofo neerlandês Roel Kuiper (1962-).

Segundo Kuiper (2019), os relacionamentos sociais mais profícuos, são aqueles em que as pessoas estão envolvidas em uma atitude de “preocupação” com o outro, de modo que, podemos inferir daí que os diálogos que aumentem a potencia do ser³⁴, não são os diálogos apressados ensimesmados, e genéricos, estes, na verdade, se parecem mais com monólogos.

Desse modo, partindo do princípio de que para que se estabeleça um diálogo, de fato, é preciso estar envolvido com o outro em um exercício atencional preocupado com suas necessidades, o que vai de encontro a produção das subjetividades contemporâneas autocentradas. Esse deslocamento da atenção na direção do outro produz aumento de potência e consequente disposição às interações dialógicas.

“Em uma relação dialógica, como uma relação entre pessoas concretas, é preciso fazer jus ao posicionamento distinto e diverso de um ‘eu’ em relação a um ‘tu’. Na relação dialógica chega-se com isso a um reconhecimento realista do ser-diferente do outro. (...) A alteridade aqui não é algo que precisa ser dominado, pois então o ser diferente do outro seria apagado. A alteridade é a origem da relação moral.”³⁵

A questão da atenção, à qual colocamos aqui, se alinha ao pensamento de Kuiper, portanto, na medida em que, a atitude será inclusiva e não de exclusão, o que acaba por gerar conexão.

Quando compreendemos que a igreja é uma comunidade de fé pactualmente estabelecida, pensamos que

“pelo compromisso de não abandonar o outro e de preocupar-se com ele. Isso se refere ao empenho de uma pessoa pela outra. A gramática social aqui adaptada é a do compromisso por amor ou fidelidade comunitária. (...) A fidelidade comunitária requer formas de altruísmo forte. As pessoas não chegam a isso por si só, elas precisam ser chamadas para tal.”³⁶

³⁴ A maneira como as pessoas se agenciam no encontro é o que possibilita um aumento ou diminuição da potência de existirem afirmativamente.

³⁵ KUIPER, 2019, p.131

³⁶ KUIPER, 2019, p.144

Esse “chamado” a uma atitude de preocupação não é exclusivo à igreja, na medida em que, toda a humanidade deveria desenvolver relacionamentos mutuamente preocupados com toda a criação, entretanto, a igreja precisa atentar para seu papel comunicador a respeito de Deus.

Segundo VANHOOZER (2016), “Qualquer descrição da igreja que seja densa o bastante deve incluir algo sobre a igreja não só como povo de Deus, mas como a presença de Deus no mundo.³⁷” por conta disso, a atitude de atenção preocupada na direção do outro, da sociedade, da criação como um todo, não deve encontrar lugar de menor atenção dentre suas práticas. Como instituição comunicadora de Deus, a igreja pode se envolver na construção de “pontes de escuta” tão necessárias ao estabelecimento do diálogo autêntico com as diversas esferas da sociedade. Sob esse aspecto, a pergunta “O que a igreja tem a dizer e fazer que nenhuma outra instituição tem condições de dizer e fazer?”³⁸, se aplica à possibilidade de atenção preocupada em direção à essa construção.

Quietude

“Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar. Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim- para ouvir as vozes do silêncio.”³⁹.

Para além de uma articulação lógica entre os sons captados pelo ouvido (ouvir/entender o que foi dito) é necessário um pouco de silêncio, a fim de que se viabilize o adentrar a si o que foi ouvido. É uma atitude ativa⁴⁰. É quando se escuta.

DUNKER & THEBAS (2019), relacionam a escuta a uma interessante característica de acolhimento: a hospitalidade, e propõem a analogia do ambiente “hospitalar” como paradigma de cuidado e no que diz respeito aos seus muitos silêncios.

Interessa-nos aqui, portanto, a analogia do hospital como lugar de atenção, acomodação e cuidado, mas também como demonstração da importância de certa quietude interior.

³⁷ (VANHOOZER, 2016, p.414),

³⁸ “Essa pergunta forma o subtítulo e o tema recorrente do livro de John H. Leith, *The Reformed imperative: what the church has to that no one else can say* (Philadelphia: Westminster 1988)” (VANHOOZER, 2016, p.416, nota)

³⁹ (RUBEM ALVES – Ouvir para Aprender Texto completo em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/sinapse/sa2112200415.htm> - acesso em 30/11/2019.

⁴⁰ Essa “atitude ativa” se manifesta por intermédio de todo o corpo, como por exemplo, uma postura corporal que indique a disponibilidade para ouvir e escutar o que está sendo dito, bem como estar atento ao que se escuta e manifestar compreensão. Mas, sobretudo essa atenção deve voltar-se para si mesmo, a fim de que seja possível internalizar o que está sendo escutado, em concordância com seu próprio discurso.

“Ser hospitaleiro requer o cultivo de um silêncio interno. Esse silêncio pode acontecer de várias maneiras, mas sempre terá o feitiço de um parêntesis ou de uma descontinuidade. É assim que passamos da *hospitalidade* para o *hospital*, nesse intervalo da vida no qual podemos cuidar de nós mesmos. (...) Hospitais são lugares de cuidado e silêncio, de meditação e parada.

O silêncio da escuta é ativo, pulsante, vigilante e repleto de interpolações (...) Essa é a atitude de cuidado que esperamos no hospital. Não só o cuidado que o outro nos dispensa, mas o cuidado que temos conosco.”⁴¹.

Escutar não é o mesmo que ficar esperando por uma chance de falar. Uma vez que uma boa prática de escuta é comparada a uma boa prática de hospitalidade, pensamos que quando alguém se oferece à escuta, oferece um lugar em si próprio (no tempo, na vida, nos pensamentos) para o outro.

Hospedar pessoas sugere uma série de medidas, a fim de que essas pessoas- que estarão em sua própria casa - se sintam o mais confortável possível, sendo que toda a preparação do ambiente é pensada em relação a esse objetivo. De igual modo, ser hospitaleiro na escuta, levando em consideração a atenção, a acomodação das palavras do outro e o cuidado preocupado com ele, também preza pela “preparação do ambiente”, que, de certa forma, compreende certo “silêncio interno”.

A exposição a uma grande quantidade de “ruídos” sejam estes externos (à exemplo dos apelos publicitários, ou à grande quantidade de informação disponibilizada na internet, ou ainda os contatos das redes sociais), ou internos (pensamentos, sentimentos imaginação) podem dificultar esse processo de silenciamento interno para que sejam abertos espaços de acomodação para o outro, entretanto, quando este silenciar é possível, pode funcionar como “antídoto” para posturas belicosas, produtoras de divisões e entristecimentos.

Essa atitude de escuta hospitaleira e acolhimento, mediada por uma atitude de silenciamento interior que produz reflexão, pode ser observada também na igreja, quando esta problematiza seus próprios discursos e práticas, uma vez que, sendo “*a presença de Deus no mundo*”, é preciso que haja correspondência entre o discurso de fé e práticas genuinamente cristãs.

A partir dessas reflexões, a igreja pode ser o espaço de escuta social, colocando-se de maneira contrária às muitas polarizações e repetições de discursos empobrecedores que inviabilizam o diálogo nos diversos contextos socioculturais, tornando-o indisponível.

Humildade

⁴¹ DUNKER & THEBAS, 2019, p. 100-101

Como visto até aqui, a escuta é prática de envolvimento atencional e preocupado, que propõe exercícios de silenciamento interno para reflexão a respeito de funcionamentos próprios com vistas a preparação de um lugar para o outro e aperfeiçoamento de práticas sociais.

Vimos também que a escuta pode funcionar como a condição de possibilidade para a construção de diálogos potentes e que nesse processo, e que, em oposição a cooperar para a ruptura de relações, ao reproduzir discursos polarizados e sectários, a igreja pode construir “pontes de escuta”.

Bem, pontes de escuta são pontes de mão dupla e, portanto, na medida em que a igreja se inclina na direção da escuta social, ela também escuta a respeito de si.

A terceira atitude a qual elencamos a partir do texto de Tiago, aparece agora, como propiciadora dessa escuta mútua, qual seja ela a humildade.

A humildade na escuta mútua envolve colaboratividade, a qual, por sua vez, também propicia o diálogo. Essa dimensão prática da humildade na escuta facilita o trabalho em conjunto, e, por conseguinte desperta o senso comunitário. Conforme vimos a partir de Kuiper (2019), para que haja fidelidade comunitária é preciso haver também altruísmo, sendo que para o desenvolvimento dessa atitude é preciso um chamado.

Em relação a esse despertar para práticas altruístas, gostaríamos de citar o teólogo e escritor norte americano, Eugene H. Peterson⁴² (1932- 2018),

“A maneira principal de combatermos nossas propensões obstinadas em direção ao narcisismo e ao prometeísmo⁴³ é cultivando a humildade. Aprendendo a ser nós mesmos, mantendo-nos com os pés no chão, dando vazão à nossa natureza humana, enfiando a mão no húmus⁴⁴, a matéria orgânica rica, argilosa, da qual fomos formados. E então escutar. (...) Escutar está vinculado não apenas lexicamente (*akouo* e *hypakouo*), mas espiritualmente a obedecer, a corresponder.”⁴⁵

Peterson, fala a respeito da natureza humana, que, obstinada em manter uma atitude de pretensa autonomia em relação a Deus, busca por estratégias próprias, no intento de manter-se no controle. Em sua narrativa, uma visita ao ambiente físico do qual foi formado

⁴²Eugene H. Peterson: foi pastor presbiteriano, teólogo escritor, professor e poeta. Conforme: <https://editoravida.net.br/novo/nossos-autores/eugene-peterson/>. Acesso em 04 de agosto de 2020.

⁴³ O autor faz referência a dois mitos gregos, o mito de Narciso e o de Prometeu, em uma alusão ao cultivo de uma postura egocentrada e autônoma. Segundo ele, “A maioria de nós, a maior parte do tempo, pode ser encontrada praticando algum tipo de narcisismo ou prometeísmo. Nem precisa dizer, então, que a espiritualidade em sua maioria é uma combinação de narcisismo e prometeísmo...”(PETERSON, 2009, p.36). Essas duas posturas falam de um controle do “EU”, e não de Deus.

⁴⁴ A palavra “humildade” tem origem no grego antigo “humus”, que quer dizer a parte viva do solo, a parte orgânica. A palavra “homem” deriva do latim “homo”, que também deriva de “humus”, da qual também se originou a palavra “humanidade”. “Humus” era a terra escurecida onde jaziam os mortos sendo esse solo mais fértil e próprio à vida (humus). Humildade, portanto, relaciona-se com aquilo o que fica no chão. Conforme: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-humildade/> e https://www.blogs.unicamp.br/geofagos/2011/03/07/a_humilde_origem_do_homem_no_s/. Acesso em 06 de agosto de 2020.

⁴⁵ PETERSON, 2009, p.37

propicia ao ser humano a humildade necessária a fim de que se perceba novamente como aquele que foi chamado por Deus, não só à existência, mas também à obediência, necessitando que haja certa correspondência entre o chamado a existir e a obedecer. Ou seja, o ser humano é um ser em relação com Deus, na medida em que, dependência, obediência, correspondência, são atitudes relacionais do ser humano com seu Criador.

Essa proposição de Peterson nos possibilita a pensar em relação a essa postura de humildade, que a igreja também é chamada, e também se relaciona com Deus em obediência dependência e correspondência.

A humildade da origem é evocada por Peterson para lembrar ao homem sua condição na criação, e nossa inferência aqui é que a humildade possa servir à igreja para lembrá-la de seu chamado para servir.

Desse modo, a partir da escuta dos diversos contextos socioculturais nos quais está em relação dinâmica, e de seu chamado para servir, entendemos que o diálogo entre a igreja e as demais esferas da sociedade, possa vir a ser viabilizado por intermédio da escuta mútua, na medida em que sejam esclarecidos os diversos “pontos de partida”⁴⁶.

Assim, compreendemos que escutar, obedecer e corresponder ao chamado de Deus para servir ao outro- e à criação como um todo- de modo preocupado, são ações que apontam para o processo formador de uma espiritualidade cristã, que precisa ser desenvolvida em concordância com as práticas apresentadas pela igreja em suas interações sociais.

Os desdobramentos de cada uma dessas ações- conforme todo o desenvolvimento do pensamento até aqui exposto- apontam para a compreensão de que a espiritualidade cristã é, portanto, uma espiritualidade de práticas que envolvem atenção, acomodação do outro e no serviço.

Para que essas práticas estejam em consonância com as necessidades sociais, é preciso que a igreja esteja atenta ao “espírito do tempo”, e se disponha a escutar de maneira atenta, e não apressada, as diferentes vozes vindas dos diferentes contextos socioculturais, a fim de que pontos de contato para a produção de diálogos potentes possam ser estabelecidos.

Conclusão: um corpo que escuta

“Que corpo se produz pela escuta? Há pessoas que escutam com os ouvidos, outras que são capazes de escutar com os olhos, outras ainda fazem do corpo todo um órgão de escuta. (...) Para desenvolver seu órgão de escuta (...) é preciso saber tocar suavemente no outro, tatear hospitaleiramente e com delicadeza as palavras, deixar

⁴⁶ Aqui não nos referimos a supostos lugares de fala, mas aos comprometimentos últimos do coração, à partir de onde se fala. À parte da existência de uma antítese entre esses compromissos últimos, acreditamos que pontos de contato possam ser estabelecidos na busca por um bem comum.

algum intervalo para ouvir o silêncio (...) silenciar suas próprias vozes, antecipações e preconceitos quando se está a escutar o outro.”⁴⁷

Após esse percurso propositivo a respeito da escuta como prática capaz de construir pontes entre a igreja cristã e as demais esferas sociais, por intermédio de diálogos⁴⁸ potentes e autênticos em detrimento de diálogos vazios e superficiais, pensamos que o objetivo desse texto possa ter sido cumprido, na medida em que tenha demonstrado a possibilidade do desenvolvimento dessa prática- nesta instituição- por intermédio da investigação de seus próprios discursos internos e da constatação da possibilidade de coerência entre esse discurso e o desenvolvimento de práticas sociais positivas, enquanto interage de modo atencioso e preocupado em seus relacionamentos com as demais esferas.

Como uma ponte de mão dupla, a escuta possibilita o diálogo, que propõe à abertura para o outro, o qual, diferente de nós mesmos, demanda um período de silenciamento interno para a acomodação deste que precisa de um corpo que o escute, e o acomode. Assim, progressiva e paulatinamente vai se formando um “corpo da escuta”, capaz de acolher o outro sem deixar de ser sua própria singularidade.

Esse artigo tem pensado sobre o diálogo entre a igreja cristã e as demais esferas sociais, e, portanto, quando pensamos na escuta como um processo que toma lugar em todo corpo, até a formação do conceito de “corpo da escuta”, nos dirigimos aí também à igreja, em seu aspecto de ser o corpo de Cristo.

O corpo que se constrói no entrelaçamento entre o discurso e as práticas cristãs, apresentada pela igreja cristã levam em consideração atitudes como atenção, reflexão orientada para acolhimento e humildade. Em se tratando de uma comunidade de fé em Jesus Cristo, pensamos que isso possa ser eficaz no cultivo de cristãos espiritualmente robustos.

Utilizando-nos da escuta como um analisador em relação a essa afirmação, juntamos nossa voz à de Eugene Peterson, ao questionar algumas dessas práticas:

“O que está errado?

Estamos *crendo* nas coisas certas. Estamos *fazendo* as coisas certas.

Coisas! – é isso que está errado.

Tornamo-nos ávidos por espiritualidade: ansiamos estar em comunidade, experimentando amor, confiança e alegria com outras pessoas. Estamos fartos de ser avaliados d perspectiva da nossa capacidade de contribuição, de quanto somos capazes de realizar. Temos fome de comunhão com Deus, algo que ultrapassa a satisfação do eu, o *meu* desenvolvimento. Estamos fartos de que nos falem *sobre* Deus.

Procuramos ajuda de nossos líderes, e eles nem parecem saber sobre o que estamos falando. Então nos matriculam num programa para controle do estresse. Recrutam-

⁴⁷ DUNKER & THEBAS, 2019, p. 114

⁴⁸ Dialogar aqui não como uma assimilação não contraditória de tudo o que é dito, de toda opinião, ou proposta apresentada, pois que em um diálogo pode haver contrariedade de opiniões. Entretanto o esclarecimento a respeito dos pontos de partida de cada um dos envolvidos é necessário como condição de possibilidade de um diálogo não superficial.

nos para uma excursão à terra Santa, Pagam-nos um curso sobre dinâmica familiar. Dão-nos o indicador Myers-Briggs⁴⁹ de tipo de personalidade para que assim possam nos encaixar no lugar certo, onde podemos funcionar com eficiência. Quando não nos mostramos interessados, eles falam mais rápido e mais alto. (...) Mas eles não conseguem *atrair-nos*. Continuamos atrás daquilo que nos trouxe em primeiro lugar: intimidade e transcendência, amigos de carne e osso e um Deus pessoal, amor e adoração.”⁵⁰

À vista disso, a partir de uma escuta eficaz de si mesmo e também do outro, empreendida de maneira não apressada, mas atenciosa, acolhedora, e com atitude humilde diante de Deus e do outro, entendemos que o “empréstimo do corpo” para “hospedagem” do outro, a fim de que encontre lugar no “corpo” que o escuta é um movimento totalmente necessário.

Na medida em que compreendemos que a Igreja cristã é o Corpo de Cristo, acreditamos ser interessante que, à maneira como se “empresta” o corpo daquele que escuta para que o outro encontre nele lugar, esta seja, também um “Corpo que escute”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOOYEWEERD, HERMAN. *Raízes da Cultura Ocidental- as opções pagã, secular e cristã*, traduzido por Afonso Teixeira Filho, São Paulo: Cultura Cristã 2015.

DOOYEWEERD, HERMAN. *No Crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*, tradução Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza, Brasília, DF, Monergismo, 2018.

DUNKER, CHRISTIAN& THEBAS, CLÁUDIO. *O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2019.

HAN, BYUNG-CHUL. *Sociedade do Cansaço*, tradução de Enio Paulo Giachini, 2ª edição ampliada, Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KEENER, CRAIG S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*; tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima (acréscimos da segunda edição em inglês) – São Paulo, Vida Nova, 2017.

KOYSIS, DAVID T. *Visões e ilusões políticas- uma análise & crítica cristã das ideologias contemporâneas*, tradução de Lucas G. Freire, São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUIPER, ROEL. *Capital Moral- o poder de conexão da sociedade*, tradução: Francis Petra Janssen, Brasília, DF: Monergismo, 2019.

⁴⁹ O MBTI- Myers-Briggs Type Indicator, é um teste psicológico que busca identificar algumas características pessoais

⁵⁰ PETERSON, 2009, p.52- grifos do autor

PETERSON, EUGENE H. *Espiritualidade Subversiva*, Org. LYSTER, JIM; SHARON, JOHN & SANTUCCI, PETER, tradução de Fabiani Medeiros, São Paulo, Mundo Cristão, 2009.

SOUZA, RODOLFO AMORIM CARLOS de. Apresentação In: DULCI, PEDRO. *Fé cristã e Ação Política- a relevância pública da espiritualidade cristã*, Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

VANHOOZER, KEVIN J. *O drama da doutrina- uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã*, tradução Daniel de Oliveira, São Paulo: Vida Nova, 2016.

Internet:

<https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/5017> - Revista Verve - acesso em 30/11/2019.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/sinapse/sa2112200415.htm> - acesso em 30/11/2019

http://www.oraetlabora.com.br/novosite/site-imprimir_pdf?id=2171 – acesso em 30/11/2019

<https://doi.org/10.5216/teri.v6i1.40739> - SUZANA DE SOUZA MOURA, M. & GIANNELLA, V. *A arte de escutar: nuances de um campo e práticas e de conhecimento*, in, Revista Terceiro Incluído, v. 6, n. 1, p. 9-24, 20 de maio de 2017. – acesso em 30/11/2019

<https://teologiabrasileira.com.br/> - CORDEIRO, ELIANDRO DA COSTA. *A relação autoconhecimento e conhecimento de Deus em Agostinho, João Calvino e Herman Dooyeweerd*, in Revista Teologia Brasileira, nº37, de março de 2015, Vida Nova – acesso em 22/03/2020.